

## Editorial

**N**esta edição da revista arq.urb, confirma-se mais uma vez a pluralidade das pesquisas realizadas no que diz respeito à Arquitetura em suas várias escalas - o objeto ou conjunto construído, seus componentes, seus processos de projeto, o desenho urbano, o desenho da paisagem, as Políticas Públicas a ela relacionadas etc.

Para ajudar no ritmo de apreensão dos raciocínios empreendidos e a partir de um esforço para sua articulação e compreensão do significado de conjunto que neles se insinua, os artigos aqui publicados foram organizados da seguinte forma: para iniciar, temos uma reflexão que vai em busca da essência da Arquitetura, algo sempre interessante como começo de conversa - afinal de contas, o que é, no fundo, sua ação transformadora? Qual o sentido da Arquitetura?

Na sequência, temos quatro artigos que trazem reflexões sobre movimentos modernos do século XX na Arquitetura, tanto no Brasil como na Europa.

São interessantes insumos para compreender algo do legado no que diz respeito à experiência moderna, que poderá nos ensinar sobre caminhos a seguir e a evitar.

Os próximos cinco artigos refletem sobre o desenho das cidades - dois deles se referem às chamadas cidades médias brasileiras e os restantes à realidade nas metrópoles, sendo os dois últimos deste bloco discussões sobre agentes e instrumentos presentes na transformação urbana contemporânea no Brasil, colocando a luz em alguns de seus paradoxos e possibilidades.

Por fim, três artigos que tratam da compreensão do conjunto construído: como garantir sua condição de resposta aos anseios da comunidade, dos seus usuários de forma geral e quanto ao desempenho de seus componentes?

O artigo que inicia esta edição - **EM BUSCA DA CASA PERDIDA: A CABANA PRIMITIVA SEGUN-**

**DO LAUGIER E SEMPER**, de Alice de Oliveira Vianna, Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), traz uma leitura comparada dos dois autores mencionados no seu título, que buscaram refletir sobre uma hipotética casa primordial humana e, a partir dessa investigação, revolver os fundamentos da Arquitetura como disciplina. Afirma o artigo que, diante de uma insatisfação com a condição do campo do saber da Arquitetura e a prática construtiva a ela relacionada, os autores estudados fizeram uso da investigação sobre o que teria sido uma casa fundacional para propor (ou, ao menos, insinuar) caminhos renovadores. Segundo a autora do artigo, essa busca pela chave da relação entre passado e presente da Arquitetura mostra-se oportuna nos momentos em que esta se encontra sem rumo, algo que poderá servir de insumo para refletir sobre nossa condição atual quanto à transformação antrópica (e construção) no Brasil e no mundo.

Iniciando o bloco com textos que trazem um olhar analítico sobre movimentos modernos na Arquitetura, temos o artigo **RAZÕES EM TRÊS TEMPOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE TRÊS VERSÕES DO TEXTO “RAZÕES PARA UMA NOVA ARQUITETURA” DE LUCIO COSTA**, de Christine de Pinho Meirelles, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ),

Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), e Ana M. G. Albano Amora, Doutora pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ), Professora Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ), Bolsista de Produtividade CNPQ, Coordenadora Dinter do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal da Fronteira, (PROARQ/UFRJ), ligadas à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que investiga mudanças realizadas pelo mestre do modernismo brasileiro, a propósito de novas publicações suas ao longo de décadas, em um texto seminal de convocação para uma arquitetura dita moderna no Brasil. Interessante acompanhar o raciocínio empreendido no artigo sobre o texto que é identificado como propositivo, indicador de novo rumo, e que revela que o autor amenizou progressivamente um tom um tanto agressivo das primeiras versões e certezas referentes à transformação técnica que teria sido percebida como desagregadora naquele momento de assimilação de novas ideias. Nesse sentido, o artigo identifica que algumas certezas de Lucio Costa são colocadas em xeque ao longo do tempo, dentre as quais a ideia de que a coexistência com técnicas tradicionais, que em um primeiro momento eram vistas como incompatíveis com um projeto moderno, deixa de representar necessariamente uma contradição em relação à renovação que se empreendia na Arquitetura revolvida pela produção industrial.

O artigo seguinte, **POR UMA LISTA DE PROJETOS E OBRAS DE OSCAR NIEMEYER: UMA COMPILAÇÃO DE SEU TRABALHO PRÉ-BRASÍLIA (1934 – 1957)**, de Rolando Piccolo Figueiredo, Mechanical Engineering (MEng) pela University of Bath, 2013; Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-UPM), 2016., trata de uma questão que sempre vem à tona quando se dedica ao mais conhecido arquiteto brasileiro, a saber, a inexistência de uma lista completa e bem embasada das obras de Oscar Niemeyer, que incluía trabalhos menos divulgados e incensados. Traz critérios interessantes de compilação, na medida em que coloca projetos de edifícios separados de projetos dos conjuntos que os contém, quando sabemos que por vezes há realmente, nas fases do processo, questões de interesse específicas que podem ser obscurecidas pelo olhar voltado exclusivamente para o conjunto. Enfrenta uma questão curiosa que é o fato de alguns projetos terem sido renegados pelo arquiteto e outros atribuídos a ele não apresentarem características ou evidências quanto a se tratarem de seu trabalho. Traz, assim, um material que poderá ser base para novos raciocínios no que se refere ao grande arquiteto, que representa muito das conquistas e paradoxos da sua profissão e da transformação antrópica no Brasil desde meados do século XX.

O artigo **ADOLF BEHNE E A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO MODERNO – PARTE 2**, de Maria Isabel Imbroni, Professora Doutora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (PGAUR/USJT), e à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU/UPM), e Marcos Mari Barreto, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (PGAUR/USJT), ligados à Universidade São Judas Tadeu (USJT) - Imbroni também é vinculada à UPM - dá continuidade à publicação de traduções de capítulos do livro "A Construção Funcional Moderna", de Adolf Behne, acompanhadas de observações críticas sobre a discussão por ele empreendida. Neste artigo, os autores se dedicam ao capítulo 2, traduzido como "Não mais edifício, mas espaço conformado", que traz oposição entre, de um lado, a defesa do que se entende como edifícios "únicos" e, de outro, a preponderância do conjunto urbano em que o valor do edifício individual é aquietado. Nesse sentido, Behne trata do que seria um contraponto entre racionalismo, que encaminha a arquitetura para a solução "mais prática", e funcionalismo, que aponta para o modo "mais apropriado". O autor alemão traz a perspectiva do arquiteto transparente, desdobramento de uma extinção da arte e da arquitetura enquanto expressão individual, de objetos individualizados, em favor da valorização do sentido de conjunto e, arriscamos dizer, da produção coletiva.

Enfim, o artigo **REPRESENTAÇÕES DO PAVILHÃO DA ALEMANHA DE MIES VAN DER ROHE, 1929**, de Fernando Guillermo Vazquez, Doutor em Arquitetura, Docente Permanente e coordenador do Programa de Pósgraduação stricto sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, trata de um tema sempre instigante: o das representações que, no raciocínio empreendido, são vistas como manifestações do pensamento e não réplicas da realidade. O autor defende que as imagens oficiais do Pavilhão exibem uma intencionalidade estética e filosófica (e mesmo ética) na medida em que são editadas, resultam da subtração de elementos entendidos como indesejáveis, de rastros que explicitam paradoxos supostamente incômodos e mesmo em função de uma construção pictórica da expressão a ser propagandeada. Parafrazeia Platão, referindo-se às representações não como uma busca da verdade das coisas, mas como uma oportunidade para expressar ideias.

A seguir, temos o bloco de cinco artigos que se dedicam à forma das cidades:

O artigo **O TEMPO E A FORMA: A CONFIGURAÇÃO DE NÚCLEOS URBANOS A PARTIR DA TRANSFORMAÇÃO DO PARCELAMENTO AGRÍCOLA. ESTUDO DE CASO: COLÔNIA DE CAXIAS/RS**, de Dirceu Piccinato Junior, Doutor em Urbanismo e Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto sensu em Arquitetura e Urbanis-

mo da Faculdade Meridional – IMED, e Kátia Savaris Dametto, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Meridional – IMED, ligados à Faculdade Meridional - IMED, apresenta a forma de urbanização que foi utilizada na colonização e, portanto, gênese da atual cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, a partir de uma demarcação que não levava em consideração a topografia do terreno. A intenção que norteou as linhas demarcatórias que resultaram na estrutura da colônia de Caxias foi de uma simplificação através de divisão previamente traçada, em oposição ao que teria sido um critério mais racional que levaria em conta o relevo local. A forma utilizada trouxe vantagens para registros de propriedade, algo que reverberou a exploração da terra como mercadoria que se instalou a partir da Lei de Terra de 1850. O artigo aponta para os projetos de urbanização como o que se realizou para Caxias, que faziam parte de empresas de colonização de áreas rurais/agrícolas, como resultado de suposta ordem espacial simples para possibilitar distribuição rápida e o mais igualitária possível de lotes para construção e produção.

O artigo **REESTRUTURAÇÃO INTRAURBANA DE CIDADES MÉDIAS**, de Diego Ferretto, Arquiteto urbanista pela Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC), 2007, Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), 2018. Professor dos cursos de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista

(UNIP) e do Centro Universitário FIAM-FAAM da rede Laureate International Universities e a Laureate Education., trata das chamadas cidades médias, onde se tem verificado neste século a intensificação do surgimento de condomínios fechados de alta renda e de *shopping centers*, que representam rupturas significativas nos processos de estruturação intraurbana precedentes. Para a observação desse fenômeno, quatro cidades são investigadas: Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas e Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Há especificidades em cada uma delas, mas em todas são percebidos tanto uma crescente autossegregação dos mais ricos nos condomínios fechados que, através de sua implantação em áreas periféricas, trazem uma ressignificação destas, que são tradicionalmente ocupadas pelos mais pobres, e um aumento da presença dos *shopping centers*, vistos como novas expressões de centralidades, que competem com o centro principal tradicional. O artigo defende que essas transformações nas cidades médias devem-se à reprodução de um discurso ultrapassado, que relaciona progresso com novidade e obsolescência de certas formas anteriores, que mescla interesses capitalistas, práticas de planejamento e gestão urbanas equivocadas com valores e ideais de uma sociedade marcada por desigualdades.

O artigo **PORTO URBANO E IMPACTOS NO TERRITÓRIO DA GRANDE VITÓRIA (ES)**, de Henrique Alexandre Silvestre, Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do

Estado de Santa Catarina (UDESC) 2016, e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2019 e Martha Machado Campos, Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (1988), mestrado (1994) e doutorado (2004) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017), ligados à Universidade Federal do Espírito (UFES), se debruça sobre os sítios portuários na região da Grande Vitória (ES), que têm representado uma negação das cidades junto às quais foram implantados. No artigo, afirma-se que as atuais operações portuárias visam inserir os portos no mercado globalizado, à revelia dos impactos territoriais causados localmente. Nesse sentido, empreende-se descrição e reflexão sobre o crescente afastamento físico e funcional das cidades e seus portos, caracterizando cada vez mais um quadro continuado de rupturas, algo que é agravado no Brasil pela vigente Lei dos Portos. Sendo assim, se os portos tradicionais se tornam obsoletos, os novos portos, desterritorializados, alheios às cidades circundantes, são pensados exclusivamente como nós intermodais com lógica relacionada a uma economia global.

O artigo **A CONSTRUÇÃO ARBITRÁRIA DO PREÇO DO PRODUTO IMOBILIÁRIO E A NATUREZA DA RENDA NA CONDOMINIALIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO: PARCERIAS PÚBLICO**

**PRIVADA NA RENOVAÇÃO URBANA DA REGIÃO DA LUZ**, de Guilherme Moreira Petrella, Arquiteto e Urbanista, Doutor (FAUUSP), Universidade Federal de São Paulo, Unifesp Zona Leste - Instituto das Cidades, trata da relação entre renovação urbana, monopolização da propriedade e renda imobiliária. Chama atenção para parcerias público-privada na transformação de áreas urbanas, nas quais é propagandeada uma eficiência do ente privado face a uma ineficiência do ente público, algo que turva a visão de uma dinâmica de desvalorização de certas áreas urbanas associada à monopolização da propriedade, que expande a fronteira de exploração econômica e permite revalorizar e recapitalizar investimentos no âmago da cidade existente.

O preço dos terrenos e edifícios em áreas para potencial renovação urbana é capitalizado em uma marcha que se apropria da utopia da construção de novas realidades urbanas, tomando-a instrumento de reprodução do capital.

Nesse contexto, no artigo se aponta para o fato de “a condição de ser ‘não-proprietário’ significa a necessidade de submissão do sujeito a formas de espoliação econômica e de insegurança de posse, que condicionam o ‘viver a cidade’ a modos ‘improdutivos’ de reprodução da vida”.

E, fechando este bloco, o artigo **A AÇÃO DIRETA COMO MECANISMO PARA ENFRENTAMENTO**

**DA GENTRIFICAÇÃO: POSSIBILIDADES E LIMITES**, de Maria Carolina Maziviero, Doutorado em Fundamentos Sociais do Urbanismo e da Urbanização, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Centro de Estudos em Planejamento e Políticas Urbanas CEPPUR, coordenadora do Laboratório de Habitação e Urbanismo da UFPR e do projeto de extensão Formas de Habitar: dimensões do morar e da produção da cidade de Curitiba, em parceria com a Promotoria de Justiça das Comunidades, do Ministério Público do Paraná, MPPR. Também é membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural do Município de Curitiba (2019-2021). e Daniela Sandler, Doutorado em Estudos Culturais e Visuais pela Universidade de Rochester. É autora do livro, *Counterpreservation: Architectural Decay in Berlin since 1989*. Seus artigos e resenhas foram publicados nas revistas acadêmicas *Third Text*, *Social Identities*, *The Journal of the Society of Architectural Historians*, e *Revista Pós*; e também nos livros *Third World Modernism*, editado por Duanfang Lu (Routledge, 2010) e *Memorialisation in Germany since 1945*, editado por Bill Niven (Palgrave Mc-Millan, 2009)., trata de ações entendidas como insurgentes, que buscam “modificar o território de forma gradual e colaborativa, respondendo ao espaço urbano fragmentado e desigual produzido pelo modelo neoliberal”. Refere-se ao processo de ocupação de prédios vazios no centro paulistano e sua ressignificação como campo das possibilidades e do direito à vida coletiva, e como busca no sentido de “desmer-

“desmercantilizar o espaço, negando a propriedade como forma capitalista assegurada por um título jurídico”. Esses exemplos centrais, no entanto, são vistos no artigo como atualmente um tanto descolados da conjuntura geral e de seu entorno, por se fecharem em função de várias contingências. Postura diferente é percebida nos coletivos periféricos em São Paulo, que “extrapolam os limites de suas sedes, espalham-se por entornos imediatos e remotos, e potencializam forças coletivas enormes, capazes de intervir ou colocar luz em questões urbanas urgentes para além da existência imediata de cada grupo”. O artigo defende que as táticas dos coletivos periféricos poderiam ser transferidas e adaptadas para o contexto de lutas antigentrificação em outras partes da cidade, na medida em que (visto como uma de suas prerrogativas básicas) “o empoderamento da comunidade desestabiliza discursos hegemônicos e limita a ação do mercado”.

Concluindo esta edição da *arq.urb*, temos três artigos que trazem questões quanto à relação do conjunto edificado com seus usuários e quanto ao seu desempenho:

O artigo **ANÁLISE DE PARÂMETROS DE HUMANIZAÇÃO PARA ESPAÇOS PÚBLICOS**, de Maiakieli Bussolaro, Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Campus Francisco Beltrão, Paraná; Gislaine da Silva Fernandes, Arquiteta e Urbanista graduada pela Uni-

versidade Federal de Viçosa (UFV). Mestre em Engenharia Civil pelo Programa Engenharia da Construção (UFV). Professora e coordenadora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense, Campus Francisco Beltrão, Paraná; Adriana Kunen, Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense, Campus Francisco Beltrão, Paraná; e Mônica Aparecida Gonçalves Scatola, Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Campus Cascavel, Paraná. Mestre em Desenvolvimento Urbano e Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense, Campus Francisco Beltrão, Paraná., ligadas à Universidade Paranaense (UNIPAR), Campus Francisco Beltrão, Paraná, propõe, através de um estudo de caso, a avaliação de parâmetros para a identificação de “equilíbrio entre o senso de urbanidade (lugar) e o senso de habitabilidade (habitar)”, algo que, defende-se, vai definir a humanização nos espaços públicos, que vêm perdendo a sua representatividade social, apesar da sua importância na medida em que favorecem manifestações de vida e mesmo a identidade de uma nação.

O Centro público e administrativo da cidade de Coronel Vivida, no Paraná, é observado no artigo

quanto à perspectiva de humanização de seus espaços, com os quais a grande maioria dos seus usuários se mostrou insatisfeito, algo que aponta, segundo o raciocínio empreendido, para a necessidade de um novo projeto arquitetônico, urbanístico e paisagístico. No artigo é ressaltado que a defendida humanização dos espaços públicos passa por uma maior integração com respeito à comunidade local.

O artigo **O ESPAÇO COMERCIAL E A SATISFAÇÃO DOS UTILIZADORES: USO DE REALIDADE VIRTUAL IMERSIVA PARA SIMULAÇÃO DE ALTERNATIVAS DE PROJETO**, de Ricardo Ribeiro, Sara Eloy, Professora Auxiliar, Instituto Universitário de Lisboa (Iscte) e do Centro de Investigações em Ciências da Informação, Tecnologias e Arquitetura da Universidade de Lisboa, (ISTAR-IUL), e Pedro Esteves, ligados ao Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), trata de nova possibilidade tecnológica para intensificar o diálogo entre arquiteto, cliente e utilizadores finais do espaço projetado, algo defendido como de extrema importância para a concretização de um projeto que responda às expectativas do usuário/utilizador. Através da descrição de um processo de projeto para loja de conveniência em Lisboa, Portugal, apresenta e reflete sobre o possível papel da Realidade Virtual Imersiva (RVI) para que leigos em representação convencional de arquitetura tenham uma correta percepção do espaço arquitetônico projetado e, assim, seja instrumento para aproximação do ar-

quiteto com o cliente e os utilizadores finais, apontando para uma dimensão participativa do processo de projeto que, no caso estudado, resultou também na satisfação dos usuários/utilizadores por terem sido consultados.

E, para finalizar, o artigo **O ELEMENTO JANELA VERSUS DESEMPENHO E CONFORTO TÉRMICO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DE LITERATURA**, de Victor Moura Bussolotti, Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo, e Edna Aparecida Nico Rodrigues, Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo., ligados à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), traz um levantamento a partir de procedimentos científicos e observação crítica do conjunto de artigos, referentes a janelas, encontrados em 3 bases de dados. Através do trabalho apresentado no artigo, vê-se algo da condição atual da Arquitetura, na medida em que há uma concentração de esforços que se percebe em pesquisadores e órgãos específicos, governamentais ou não, para a investigação quanto à possível redução do consumo de energia nas edificações, seja por meio de ações para adaptações nas construções já existentes, seja na definição de diretrizes específicas para novos edifícios. Fica em evidência que, nos dias atuais, pouco se adotam estratégias bioclimáticas para se obter ambientes termicamente confortáveis e com baixo consumo de energia.

Como reação a essa situação, as características da janela mais abordadas na produção científica internacional investigada são justamente aquelas voltadas para um melhor desempenho energético da edificação e o conforto térmico.

No artigo, ressalta-se que os resultados das investigações compiladas, em sua maioria, não avaliam questões importantes como a viabilidade financeira da solução e resultantes emissões de gases de efeito estufa. São também lacunas nos estudos do elemento 'janela' aspectos como tipologia e localização das aberturas nos espaços propostos.

***Luis Octavio de Faria e Silva***

